



**Entrevista concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à revista alemã Der Spiegel**

**Palácio do Planalto, 29 de abril de 2008**

**Jornalista:** Senhor Presidente, como um trabalhador, um líder sindicalista subiu à Presidência? E quando começou, há 6 anos, (inaudível) um certo medo nos círculos dos empresários de que o senhor ia implementar uma política socialista no governo? Mas não, o senhor conseguiu um boom espetacular da economia brasileira, com uma política mais ou menos ortodoxa. Isso não é uma certa contradição com o seu passado?

**Presidente:** Não. Não é uma certa contradição porque o meu discurso mais contundente era um discurso de quando eu era presidente do Partido e era um discurso de quando eu era dirigente sindical. Quando você é dirigente sindical, você fala para uma categoria; quando você é presidente de um partido, você fala para uma parcela da sociedade; quando você vira Presidente da República, você governa para todos.

A democracia é exatamente extraordinária por isso, porque embora todo mundo saiba que tenho um compromisso social muito forte, que tenho origem, que sei de onde vim, sei para onde vou quando deixar a Presidência, não posso deixar de entender que tenho que governar para um grande empresário brasileiro, para um banqueiro e, ao mesmo tempo, para um catador de papel na rua, para um trabalhador de fábrica. Criar uma certa harmonia entre esses mais diferentes segmentos da sociedade é a arte de exercer a democracia em sua plenitude. Em segundo lugar, o que importa para um governante é o resultado das coisas que ele fez.

O dado concreto é que precisamos fazer as políticas que fizemos, duras, com um ajuste fiscal sem precedentes, em 2003, para que a gente pudesse



chegar hoje na situação confortável em que estamos. Se não tivéssemos feito o que fizemos em 2003, nós obviamente que poderíamos ter contribuído para quebrar um país que não tinha credibilidade externa, não tinha financiamento das suas importações, que tinha uma desconfiança generalizada interna e externa. E nós, então, cuidamos, em primeiro lugar, de trocar a credibilidade política que eu tinha, porque todo presidente recém-eleito tem muita credibilidade, tem um capital político muito forte. Então, fiz um jogo, qual era o jogo? Trocar um pouco do capital político que eu tinha, em 2003, por uma política de ajuste fiscal muito forte, para que a gente pudesse arrumar a casa. E isso, graças a Deus, deu certo.

Vamos continuar com essa mesma política. Obviamente que sou um homem convencido de que temos que fazer mais política social. Vamos agora, no dia 12 de maio, lançar a nossa proposta de política de desenvolvimento industrial. Vamos pensar em uma política forte para as exportações, facilitar a vida das empresas e dos investidores no Brasil. Mas a minha cabeça está muito voltada para se tudo isso que fizermos significa melhorar a vida do povo mais pobre do País. Penso que não tem muita frustração ou decepção entre o que eu pensava e o que faço. Eu pensava o que eu queria, e faço o que posso.

**Jornalista:** E quanto tempo vai poder manter esse crescimento? Não tem medo de que a crise dos Estados Unidos possa atacar também aqui, no Brasil?

**Presidente:** Trabalho com a hipótese de que o Brasil tenha um longo ciclo de crescimento. Eu, nesses anos todos, disse... A mim não preocupa se o Brasil deve crescer 10%, 11%, 12%, 9%. Se o Brasil crescer entre 4% e 5,5%, ou entre 4,5% e 6% durante vários anos, é mais importante do que crescer muito em um ano e decrescer no outro. O que preciso é de uma certa harmonia no crescimento brasileiro, sempre de olho no crescimento da capacidade produtiva do País e da demanda. Porque quando houver um descompasso, corremos o



risco de ter a inflação de volta, e isso é prejudicial.

Fico sempre olhando o seguinte: precisamos ir aumentando a capacidade produtiva do Brasil. Precisamos exportar e, para isso, precisamos ter muitos excedentes. Mas, ao mesmo tempo, temos que olhar a demanda. Porque quando a demanda for superior à oferta, então estaremos com um problema sério para ser resolvido: normalmente os preços sobem, no Brasil e em qualquer país do mundo. Ou seja, quando a oferta é maior o preço cai, quando a oferta é menor o preço sobe. Então, quero uma oferta equilibrada com a demanda. Vamos trabalhar nisso, estamos trabalhando com muita seriedade.

Digo todo dia que não há espaço para fazer mágica em economia, não há espaço para que o desejo do Presidente, eleitoral, se sobreponha à seriedade com que ele precisa cuidar da política econômica. Não há nada neste país que me faça agir com irresponsabilidade, na política econômica, porque sei quanto a inflação custa para o povo que vive de salário, e não quero que ela volte no Brasil.

**Jornalista:** Um problema talvez, ainda, é a infra-estrutura, que ainda é fraca. Mas o seu governo começou com um Programa de Aceleração do Crescimento, há um ano. O senhor acha que esse programa dá para garantir um crescimento a longo prazo?

**Presidente:** Olhe, a última vez que o Brasil teve um crescimento de investimento em infra-estrutura foi entre 1975 e 1980, no governo Geisel. Mas foi um crescimento subordinado ao endividamento externo do Brasil. O dólar estava barato, os juros internacionais estavam baratos. O Brasil, então, tomou muito dinheiro emprestado. Os juros saíram, depois, de 3% e foram para 21%, e a dívida externa ficou praticamente impagável. Então, nós fizemos muita coisa na década de 70 e depois passamos 26 anos pagando o custo das



coisas que fizemos.

Qual é a diferença do PAC para aquele momento? É que temos 504 bilhões de reais, hoje, aproximadamente, 270 bilhões de dólares de investimento em infra-estrutura sem endividamento externo, dinheiro nosso, dinheiro das nossas empresas, dinheiro do governo, sem precisar tomar dinheiro emprestado. Essa é uma coisa extraordinária, porque ao terminar as obras não estaremos devendo nada lá fora, estaremos devendo a nós mesmos aqui dentro. E o PAC cuida de aeroportos, de portos, de rodovias, de ferrovias e, muito importante, de urbanização de favela e de habitação. Hoje, não existe uma única capital brasileira ou uma única região metropolitana que não tenha um forte investimento em urbanização de favela e saneamento básico. Cuidar da água, coletar o esgoto, tratar o esgoto, levar energia elétrica, fazer rua, levar educação, levar hospital para lugares mais pobres é um compromisso do PAC e que está sendo feito tanto em São Paulo, quanto no Rio de Janeiro, Minas Gerais, lugares que foram degradados nos últimos 40 ou 50 anos. Os lugares mais pobres do Rio de Janeiro em que estamos fazendo investimentos – Rocinha, Complexo do Alemão, Manguinhos – eram fazendas, há 40 anos. A irresponsabilidade administrativa dos governantes que vieram antes de nós permitiu que as pessoas fossem ocupando terrenos em lugares inadequados, em encosta de morros, córregos. Aquilo que poderia ser resolvido quando tinha dez famílias, não pôde mais ser resolvido quando tinha mil famílias, duas mil famílias. Então, digo que estamos fazendo um processo de reparação, estamos tentando reparar os erros que, nos últimos 50 anos, foram cometidos com a parte mais pobre da população brasileira. Esse PAC não vai resolver tudo, esse PAC é um grande início.

Digo sempre que a grande virtude do PAC é que ele está ensinando o governo a governar, porque montamos o conselho gestor para cuidar do PAC, conselho gestor federal, tem conselho gestor estadual, tem conselho gestor municipal, cada empresa pública tem conselho gestor. A Dilma presta conta



para mim semanalmente, quinzenalmente, mensalmente. Prestamos conta para a imprensa a cada quatro meses das coisas que fazemos, porque acompanhamos milimetricamente cada obra que está sendo feita neste país. Penso que estamos criando um outro jeito de gerenciar a máquina pública, porque as coisas não funcionavam, as prefeituras não tinham capacidade de endividamento, as prefeituras não tinham projetos, os estados não tinham projetos. Então, tratamos de fazer tudo isso para a máquina poder começar a funcionar. E, hoje, as coisas estão funcionando bem, as obras do PAC estão acontecendo.

Ainda, ontem, recebi um telefonema do governador do Rio de Janeiro, (dizendo) que foi resolvida a questão do Anel Viário, do Arco Rodoviário...

**Jornalista:** O senhor vai lá?

**Presidente:** Vou lá. Então, o PAC tem que ter seqüência. Tenho vários compromissos. A Transnordestina é uma ferrovia de 1.700 quilômetros, a ferrovia Norte-Sul, que ficou parada (durante) 15 anos, vamos terminá-la. E tudo isso, pode ser que não termine até o fim do meu mandato. Quando chegar em 2010, temos que fazer um novo PAC pensando em mais quatro anos, colocando verba do Orçamento para que quem quer que venha a governar este país dê continuidade às obras de infra-estrutura na questão de ferrovias, rodovias, portos e aeroportos. Penso que o PAC é o melhor momento de infra-estrutura da história do nosso país, porque ao mesmo tempo em que estamos fazendo estradas, estamos cuidando dos pobres que estão morando em lugares degradados.

Se vocês puderem ficar até o dia 5 no Brasil, eu os convido para fazer uma viagem comigo ao Piauí para verem as obras do PAC e os convido para irem à Bahia, no dia 8, o que não é mau.



**Jornalista:** Na Bahia, eu vou.

**Presidente:** Ele pode, você não pode.

**Jornalista:** Há duas ou três semanas, saiu uma notícia do Brasil de a Petrobras descobriu novas reservas de petróleo na Bacia, não sei se é de Campos, mas naquele famoso campo carioca. O Brasil vai entrar numa fase, tipo Arábia Saudita ou Venezuela, vai ser um poder petroleiro?

**Presidente:** Estou convencido de sim. Na verdade, encontramos novas jazidas de petróleo numa extensão que vai do estado de São Paulo até a Bahia, que denominamos camada pré-sal. É um petróleo que está a 300 quilômetros da costa brasileira, é um petróleo que tem dois mil metros de lâmina d'água, tem três mil metros de rocha e depois dois mil metros de sal. Já temos tecnologia e, se Deus quiser, em março de 2009 já começaremos a fazer a experiência definitiva de extração de petróleo. Obviamente que será explorado na sua plenitude a partir de 2010, 2011. Mas, em 2009, já começaremos a exploração experimental do poço Tupi. A camada pré-sal tem uma possibilidade extraordinária, porque é uma extensão muito longa e estou desconfiado de que o Brasil se transformará num grande país produtor e exportador de petróleo. E mais ainda, de que o Brasil irá fazer parte da Opep, para brigar na Opep para baixar o preço do petróleo.

**Jornalista:** O outro ponto que o senhor promove muito são os biocombustíveis. O senhor chamou os usineiros de "heróis nacionais", que ajudam o Brasil a se desenvolver. E o Brasil aposta no álcool, no etanol, como o combustível do futuro. Na Europa tem muito crítico quanto a isso, porque dizem que é um combustível ecologicamente complicado. Como o senhor vê isso?



**Presidente:** Penso que esse é um debate que o mundo vai ter que fazer, sem paixão, sem preconceitos e com muita razão. O Brasil não está falando de uma coisa que começamos a conhecer hoje. O Brasil tem 33 anos de experiência na produção de etanol. Todos os carros produzidos no Brasil, hoje, são flex-fuel. Certamente vocês já estão usando o flex-fuel no Rio de Janeiro.

**Jornalista:** O meu ainda não, o meu é só gasolina.

**Presidente:** E acho que é o carro ideal para um mundo que precisa desaquecer o planeta. Esse é um dado muito importante. Obviamente não quero dizer que o etanol ou o biodiesel são as únicas saídas para a Humanidade. Estou esperando que algum mágico consiga separar as partículas de hidrogênio e que a gente possa ter um carro a hidrogênio. Mas enquanto isso não acontecer, o álcool e o biodiesel são as mais importantes alternativas para ajudar na despoluição do planeta.

Ora, o que acontece com a produção de cana-de-açúcar? Veja, são dois momentos mágicos do planeta Terra. Primeiro, quando você planta cana, você está seqüestrando carbono. Depois, quando você está utilizando o combustível, você não está emitindo CO<sub>2</sub>.

**Jornalista:** Ou menos, muito menos.

**Presidente:** Bem menos, ou quase nada, comparado ao petróleo. Terceiro, na medida em que você começa a produzir o etanol de segunda e terceira geração, com o bagaço da cana, você não vai precisar fazer queimada, portanto, também, não vai fazer emissão de CO<sub>2</sub>.

Ora, a planta, a cana-de-açúcar, você a planta, ela tem cinco cortes. A cada corte que você dá, ela cresce de novo. Significa que ela está seqüestrando mais carbono, está contribuindo para despoluir o planeta, ao



passo que o petróleo não consegue fazer isso. Cada vez mais a indústria automobilística do mundo desenvolvido é obrigada a criar um filtro mais perfeito, um filtro mais... que aumenta o preço do carro e do caminhão, tornando cada vez mais caro, utilizando nesse carro o petróleo.

Então, penso que... até compreendo que os países europeus e outros países tenham dúvidas. Até compreendo, não vejo isso como... A única coisa com que não concordo e não aceito é qualquer pessoa tentar ligar os atuais aumentos dos alimentos aos biocombustíveis. Essa hipocrisia eu não aceito, e estou disposto a debater em qualquer lugar do mundo, com quem quer que seja, porque essas pessoas que dizem isso nunca vieram a público para dizer quanto implica no custo dos produtos o preço do combustível. Nunca vieram a público dizer quanto custa, no preço do fertilizante, o petróleo sair de 30 dólares o barril para 120 dólares o barril. Agora vêm dizer que são os biocombustíveis? Qual o país que produz biocombustíveis? A África não produz biocombustível, por que está com fome? As pessoas precisam ser mais honestas. A única coisa que reivindico é isso: honestidade e um sério debate científico sobre isso. Porque se alguém me provar que a produção de biocombustível é incompatível com a produção de alimentos, serei o primeiro a dizer: vou produzir alimentos.

**Jornalista:** Tem um município, Rio Verde de Goiás, que fez uma lei para limitar a plantação de cana-de-açúcar, porque os usineiros estavam comprando áreas que seriam para a soja, milho, essas coisas. Isso não afeta a ampliação das plantações de cana-de-açúcar? Não afeta a produção de alimentos, nesse sentido?

**Presidente:** Não, veja, não afeta a produção de alimentos. Se tem um problema que não afeta o Brasil é a questão de terra. Nós temos terra, sol e água. E muita terra. Muita. Comparado a qualquer país do mundo. Hoje, se





você pegar o mapa do mundo, na produção de alimentos, você vai perceber uma vantagem comparativa do Brasil, extraordinária. Ou seja, temos milhões de hectares para plantar alimentos.

Esse é um debate, eu diria, que precisa ter muita seriedade. Que um prefeito não queira que plante cana no seu município é normal, pode não querer que a sua cidade se transforme num canavial. E não é correto que as produções de cana sejam em extensões intermináveis. Você pode contratar a produção de cana para médios produtores, como já tem hoje em muitos lugares do Brasil.

O dado concreto é que temos condições de produzir cana, temos condições de produzir biocombustíveis, obviamente que não para atender o mundo, mas para contribuir com um novo combustível que seja menos poluente. O que estranhemos é que os países ricos deveriam fazer a sua parte: acabar com os subsídios da agricultura nos seus países para facilitar que países africanos produzam alimentos e vendam para eles. Eu estranho é que os países ricos não têm nenhuma tarifa para o petróleo e têm tarifa para o etanol.

Então, o mundo vai ter que se despir. E o mundo vai ter que começar a discutir com seriedade. O Protocolo de Quioto é para valer. Ninguém pediu para ele ser assinado. Os presidentes e os primeiros-ministros que assinaram, assinaram livremente. Agora, cumpram. Ou cumpram ou diminuam a emissão de gases, diminuam as suas fábricas. O que não é possível é os países ricos assinarem os protocolos e, depois, fingirem que não é com eles.

Como acho que é um debate da maior seriedade, porque todos habitamos o planeta e, portanto, todos temos responsabilidade... Não quero dizer que o Brasil está certo e que a Alemanha está errada, ou que o Brasil está certo e que o Japão está errado. Quero que nós sentemos à mesa em igualdade de condições e discutamos com sustentabilidade científica o que é certo e o que é errado.



**Jornalista:** Isso vai ser um tema com uma chance (inaudível) para que a chance (inaudível) dentro da União Européia possa, talvez, influir para baixar esses impostos que (inaudível) importação seja mais fácil do Brasil para Europa?

**Presidente:** Deixa-me mostrar só uma coisa para você, aqueles gráficos da comparação da cana com outros, só para a gente ter noção do que a gente está falando. Este aqui é o custo do etanol produzido no mundo. Este aqui é quanto custa o etanol de trigo e beterraba. Este aqui é quanto custa de milho, na China, de milho, nos Estados Unidos, de cana, na Austrália (inaudível).

**Jornalista:** (inaudível) é o melhor.

**Presidente:** Essa é a vantagem comparativa que temos. A segunda vantagem comparativa que temos é este gráfico aqui: a relação com o combustível.

**Jornalista:** (inaudível) o milho é o problema dos Estados Unidos, por exemplo? Não é o problema do Brasil?

**Presidente:** O que não é justo é produzir biocombustíveis de alimentos, nem de beterraba, nem de trigo e nem de milho. Você precisa procurar outra oleaginosa. O que tenho dito para os meus amigos europeus? Não quero que vocês mexam na agricultura de vocês, que já está toda certinha. Digo sempre que eu comparo a Europa, está tudo tão arrumadinho, que parece a casa de um casal recém-casado. Quando a gente tem cinco filhos, a casa vira uma bagunça. Mas, quando não tem nenhum, a casa está arrumadinha. Então, não quero que a Europa mexa na sua estrutura produtiva. O que tenho pedido à Europa? É só olhar o continente africano. Essa parte aqui da África tem



agricultura tropical igual ao Brasil. Possivelmente, essa parte da África tem a mesma capacidade produtiva do cerrado brasileiro. O que tenho proposto aos países ricos? Vamos fazer parcerias e produzir em terceiros países. Vamos dar chance, no século XXI, para a África produzir. Em vez de comprar petróleo do rei da Arábia Saudita, compre etanol da África, de Gana, de Angola, de Moçambique, do Congo. Vamos ajudar essa gente a produzir para eles conquistarem espaço e cidadania no século XXI. É essa discussão que eu acho que nós precisamos fazer com muita maturidade, sem permitir que as eleições mexam com a cabeça dos dirigentes, mas pensando um pouco na Humanidade, tentando tornar compatível.

O Brasil tem uma coisa fantástica que o mundo precisa compreender. O Brasil produz a maioria das coisas, duas produções por ano, e algumas coisas até três. Ao passo que o mundo desenvolvido produz apenas uma vez por ano. Se você pegar a agricultura tropical versus a agricultura temperada o que vai acontecer? A tropical tem um ciclo longo que vai de 10 a 12 meses. A temperada tem um ciclo curto que vai, no máximo, de 4 a 6 meses. A vantagem comparativa entre essa parte do mundo e essa parte do mundo é muito grande para os pobres essa vez. É a primeira vez, no século, que os pobres têm chance de competir em alguma coisa. A cana faz fotossíntese durante 10 meses por ano, a beterraba só faz durante 90 dias. Então, a única coisa, para terminar essa pergunta, a única coisa que quero é que meus companheiros europeus sejam sérios nessa discussão. Não podem ficar como esse economista da ONU...

**Jornalista:** Jean Ziegler.

**Presidente:** É, falando bobagem. Não pode falar bobagem neste momento. Nem eu nem ninguém. Temos que falar com seriedade, para o mundo compreender o que está acontecendo e para o mundo desistir. Tampouco a



gente pode, a partir de um filme do Al Gore, achar que o mundo está se destruindo. Não quero pirotecnia, não quero terrorismo e não quero facilidade também. A única coisa que quero é seriedade no debate. Vamos chamar a inteligência do mundo para discutir esse assunto e nos fazer uma proposta. O Brasil não vai abdicar de produzir os seus biocombustíveis. Vamos produzir biodiesel como fizemos com o álcool.

**Jornalista:** Biodiesel à base de soja?

**Presidente:** Não. Tenho dito, aqui no Brasil, que quem quiser fazer biodiesel à base de soja vai perder. Vai perder por quê? Porque a soja...Embora a soja seja uma planta que se colhe muito por hectare, a quantidade de óleo que ela produz é muito pouca. Precisamos fazer o dendê, na verdade... O dendê produz de 3 a 6 mil litros de óleo por hectare. A soja produz 200 litros a 400 litros por hectare. Então, nós precisamos produzir do dendê, da mamona, de oleaginosa que não seja a base da alimentação animal.

**Jornalista:** Tem uma outra crítica quanto às plantações de soja e à pecuária, que elas estão invadindo a Amazônia e aumentando o desmatamento. Os últimos dados do Inpe e da Marina Silva indicaram um aumento do desmatamento.

**Presidente:** Vamos devagar com aqueles dados, lá. Você está jogando um jogo de 90 minutos, aí você pergunta: “O Bayer de Munique faz um a zero no outro Bayer?”. Aí você torce para o Bayer de Munique, e o cara pergunta para você: “Quanto é que está o jogo?” Está 1 a 0 e você fala: “Olha, eu penso que vai ser uns 8 a 0 ou 9 a 0”.

O que aconteceu, na verdade? O que aconteceu é que a gente pegou três meses, do ano passado, e anunciamos como se fosse uma catástrofe



deste ano. Falei para a Marina: “Esse anúncio foi equivocado. Porque se é verdade que você cresceu mais em um trimestre, você pode corrigir os outros três trimestres e, no final, você tem muito menos”. Passou-se a idéia para a imprensa de que tinha sido o fim do mundo.

Olha, nós temos uma boa política. Já diminuimos em mais de 59% o desmatamento na Amazônia. Temos que compreender que no Amazonas moram quase 25 milhões de habitantes. Eles querem comer, ter televisão, estrada, carro, geladeira, eles querem tudo o que tem um cidadão de São Paulo ou um cidadão de Frankfurt, ele quer tudo.

**Jornalista:** O que é normal e é justo.

**Presidente:** Temos 360 milhões de hectares na Amazônia. Portanto, a Amazônia não dá cana-de-açúcar. E já está provado que o pasto na Amazônia não é da mesma qualidade que o pasto de outras regiões do País.

**Jornalista:** Mas tem soja, não é?

**Presidente:** Então, veja, não há nenhuma necessidade de você derrubar um pé de árvore para plantar soja na Amazônia. Temos muita terra. Se você utilizar 60 milhões de hectares de terras, de pastos degradados que nós temos, ainda assim você vai ter mais terra para plantar que qualquer país da Europa. Por isso é que estou pedindo: só quero seriedade nesse debate. Só quero seriedade com os governos, com as ONGs, com os políticos e com os cientistas. Sou um homem sensível. Se eu for convencido tecnicamente, politicamente e cientificamente, eu sei me curvar à realidade. Agora, o que não aceito é slogan.

**Jornalista:** E quanto às ONGs, o governo quer uma maior fiscalização, maior



controle sobre as ONGs. Por quê? Qual é o problema com as ONGs na Amazônia?

**Presidente:** Veja, é importante que as pessoas não percam de vista, em nenhum momento, que a soberania do território nacional é do Estado brasileiro, e que a soberania da Amazônia é do Estado brasileiro. Se as pessoas não esquecerem desse parâmetro, elas podem atuar em qualquer lugar do Brasil. Mas se as pessoas acharem que podem se sobrepor ao Estado brasileiro, nós não aceitaremos em hipótese alguma. Até porque a Amazônia é do Brasil e nós, mais do que ninguém, queremos cuidar dela e fazer da Amazônia uma fonte de enriquecimento para o povo brasileiro. Não por conta da madeira, que pode ser uma fonte mas, sobretudo, pela riqueza da biodiversidade que nós ainda não exploramos nem 5%.

**Jornalista:** Um tema muito importante para nós falarmos hoje é, também, a esquerda na América do Sul. Depois da vitória do Lugo, no Paraguai, quase toda a América do Sul está nas mãos da esquerda. Mas não é uma esquerda unificada, há várias correntes, uma corrente mais ou menos social-democrata, liderada, talvez, pelo senhor e outra liderada... muito mais radical e revolucionária, liderada pelo chefe da Venezuela.

E a grande pergunta na Europa é se a esquerda, hoje em dia, na América do Sul, tem algumas coisas, preocupações em comum, ou se já não existe essa grande mítica para nós, europeus, a esquerda no continente.

**Presidente:** A esquerda na América do Sul, em alguns casos, faz exatamente o discurso que a esquerda fazia na década de 20 ou na década de 30, na Europa. Quando você reside em um país que tem fome, que tem exclusão educacional, exclusão digital, obviamente que o discurso de um político é mais radical do que o discurso de um dirigente suíço, do que o discurso de um



dirigente francês ou inglês. Eles já estão com grande parte dos problemas resolvidos. Enquanto em alguns países, o problema principal é a fome, é a desnutrição infantil, é o analfabetismo, em outro país é a questão nuclear, em outro país é a questão ambiental, porque os problemas sociais já foram resolvidos.

É importante apenas ter essa compreensão: o discurso que fazemos agora, na América Latina, não é diferente do discurso que a Europa já fez antes de conquistar o estado de bem-estar social. Segundo, também como na Europa, na América Latina não tem uma única concepção de esquerda. A esquerda francesa não é igual à alemã, que não é igual à espanhola, que não é igual à portuguesa. Até porque cada um de nós se torna mais à esquerda ou menos à esquerda em função da realidade política do nosso país, da realidade social do nosso país.

Acho que a América Latina está construindo a sua democracia. É importante lembrar que fomos um continente duramente castigado, muitos golpes. É importante lembrar que há 20 anos nós tínhamos, em quase todos os países da América Latina, luta armada, e que hoje, com exceção das Farc, em todos os países da América Latina, as pessoas querem chegar ao poder pela via democrática, pela eleição. E, aí, a gente tem que também compreender o discurso, para que público você está falando, em função de que realidade histórica.

Acho que é um bem para a América Latina a eleição de Lugo, a eleição de Chávez, a eleição de Lula, de Cristina, de Michelle Bachelet, de Tabaré, de Rafael Correa, de Uribe, de Alan García. O Uribe é um homem tido como conservador, mas é um homem que tem uma alta respeitabilidade dentro do seu país.

A verdade concreta é que há muitos anos a América Latina precisava disso: permitir que o seu povo elegeisse gente que tivesse mais DNA com o povo, que tivesse mais pele com o povo.



Acho extraordinária a eleição de Evo Morales, na Bolívia; extraordinária a eleição de Lugo, no Paraguai; a eleição de Rafael Correa. Indiscutivelmente, o Chávez é, de longe, o melhor presidente que a Venezuela já teve nesses últimos 100 anos.

**Jornalista:** Agora, ele não desestabiliza a região com o discurso (inaudível)

**Presidente:** A região, não. Acho que o Chávez pode criar problemas para ele. Para o Brasil não, e nem para a Argentina, eu acredito.

**Jornalista:** Mas ele exerce muita influência no Equador...

**Presidente:** Não tem influência. Conheço todos eles, convivo com todos eles. Não existe essa de influência. As pessoas dizem: “o Brasil tem que ser líder”. Você não é líder porque você quer ser líder, você é líder quando você é reconhecido pelos outros. Quem é o líder na Europa? É a Alemanha? É a França? É a Inglaterra? Se alguém ousar dizer que é líder já arruma inimigo para tudo quanto é lado.

Então, penso que precisamos apenas construir uma certa harmonia. Acho que todos esses companheiros eleitos vão trabalhar para tentar fazer o melhor para o seu povo. É um momento extraordinário da América Latina. Até queria pedir: a Europa não pode ter medo da América Latina.

**Jornalista:** Mas quase houve uma guerra.

**Presidente:** Mas acabou de haver uma guerra na Europa, esses dias. A Croácia... Isso não é normal. Aqui, a guerra é mais verbal. Aqui, na América Latina nós... Aqui, na América Latina, o gesto de maior agressividade nossa é a língua. Aqui nós falamos demais, discursamos demais. Mas todo mundo sabe





que somente a paz é que pode permitir a gente crescer economicamente, fazer justiça social.

Onde teve guerra não houve os avanços. Vamos pegar Angola, vamos pegar Moçambique, vamos pegar esses países que conquistaram a independência e, depois, entraram em um processo de guerra civil. O que aconteceu? Empobrecimento total. Agora que estão em paz, começam a crescer.

Aqui, na América Latina, temos a compreensão de que somente a paz, e muita paz, vai permitir que a gente consolide a democracia, que a economia cresça. E ainda temos um outro desafio, temos que fazer as infra-estruturas que a Europa já fez. Temos que interligar o continente por ferrovia, rodovia, telecomunicações e energia, que vocês já fizeram e que nós ainda não fizemos. Então, precisamos fazer isso. E queria até aproveitar essa entrevista para dizer para os europeus: não fiquem com medo da América Latina, porque estamos em um processo de efervescência de consolidação da democracia.

**Jornalista:** Agora tem vários focos de conflito. Por exemplo, na Bolívia aconteceu um (inaudível) violento, com essa questão da autonomia. O conflito entre Colômbia e Equador está aí começando. O Brasil não poderia mediar mais, tentar fazer mais? O senhor tem uma estreita relação com Evo Morales.

**Presidente:** Mas o Brasil pode. Veja, o Brasil está construindo o Grupo de Amigos, entre Argentina e Colômbia, que está tentando ajudar a Bolívia. Cada dirigente também tem que ter consciência dos problemas que o seu discurso pode causar internamente. Também temos que ter a responsabilidade sobre o que vai acontecer com o que a gente fala. O poder da palavra é muito forte.

Então, se há divergência na Bolívia com relação à aprovação da Constituição, e o companheiro Evo Morales está disposto a negociar, o Brasil, a Colômbia e a Argentina estão dispostos a mediar. No caso da Colômbia, digo



sempre: o maior mediador foi o presidente Chávez, em Santo Domingo, na República Dominicana. Então, penso que as pessoas vão aprender...

**Jornalista:** (inaudível) de Fidel...

**Presidente:** Não. Talvez até tenha sido, porque o Fidel é muito inteligente. Então, a minha pergunta é a seguinte: acho que aos poucos nós vamos descobrindo a quem interessa um conflito? A quem interessa uma guerra?

De vez em quando, fico vendo o Chile com problema com o Peru, o Peru com problema com o Equador, o Equador com problema... Tudo do século XIX. Temos que pensar no século XXI. Então, as pessoas me dizem: “Ah, mas o Lugo vai dar problema para o Brasil”. Ótimo! O Lugo vai exigir que a gente exerça mais a nossa diplomacia, que a gente converse mais, que a gente negocie. E se a gente tiver condições de fazer mais política, a gente vai ter que fazer. Esse é o mundo.

O que a Europa fez para Portugal, Grécia e Espanha? E o que a Europa está fazendo agora para os países que são os novos filhos da União Europeia? Se a Europa rica não ajudar, vai ter um monte de miseráveis ali, na vizinhança, transitando para tudo quanto é lado. Então, a Europa rica tem que ajudar os países mais pobres a se desenvolverem, até para serem consumidores dos produtos produzidos na Europa rica.

Aqui, o Brasil, como maior economia, tem que ter o mesmo gesto para o Paraguai, para o Uruguai, para a Bolívia, para o Equador. Nós temos não que ser generosos, mas temos que fazer concessões para que esses países possam crescer e, em vez de serem problemas fronteiraços, sejam soluções, sejam parceiros.

**Jornalista:** E o senhor acha possível uma união dos Estados da América do Sul, união política, não só econômica, como é o Mercosul?



**Presidente:** Acho. Vamos realizar no Brasil, nesse mês agora, de maio, uma reunião extraordinária, para criar a Unasul – União de Nações Sul-Americanas. É uma coisa muito incipiente. Ao mesmo tempo, vamos aprovar a criação de um Conselho de Defesa da América do Sul.

**Jornalista:** Era uma idéia do Chávez, não?

**Presidente:** Não. O Banco do Sul, teve uma reunião agora, tivemos um problema porque caiu o ministro da Economia da Argentina e a reunião não pôde acontecer, mas o Banco do Sul já está criado. Falta apenas regulamentar.

Então, aos poucos estamos criando os instrumentos e as instituições que vão permitir que a gente possa se consolidar como a União Européia se consolidou. Em 2010, começa a funcionar o Parlamento do Mercosul, o Parlamento eleito diretamente pelo povo. É um bom início.

É importante lembrar que a Europa ficou 50 anos...

**Jornalista:** E ainda não está...

**Presidente:** Estamos há 5 anos, e nem tudo é maravilha na Europa. Fico imaginando se fosse aqui no Brasil, na América Latina, que um país votasse contra o referendo de moeda única ou de Constituição. Na Europa, as manchetes seriam: “Guerra na América do Sul”. Daqui, olho o que acontece lá e vejo com maturidade, muita naturalidade. A Inglaterra não quis entrar, aderir à União Européia, à moeda única. É um problema da Inglaterra, não vamos fazer disso um cavalo de batalha. Então, muitas vezes, de fora, tudo que acontece na América Latina parece que tem um nervosismo maior e não tem. Não queremos briga, queremos paz.



**Jornalista:** O senhor é um desses que tem boas relações tanto com os Estados Unidos como com a Venezuela e com o Chávez. Como se consegue isso?

**Presidente:** Primeiro, sou presidente do Brasil e, portanto, como chefe de Estado, tenho que manter relações boas com todos os países do mundo. Tenho a nítida noção do que representa para o Brasil a sua relação com os Estados Unidos, como tenho a nítida noção do que representa a relação da União Européia com o Brasil, do que representa o Brasil para a América do Sul e a América do Sul para o Brasil. É ter noção do papel do Estado brasileiro, que me permite transitar entre todas as forças políticas. Quando o mundo odiava o Kadafi, eu tinha relação com o Kadafi. Quando o Brasil o visitava, como eu visitei o Kadafi, era: “O Lula vai visitar o demônio. É um erro da diplomacia brasileira”. Aí, quando vai o Tony Blair: “Inteligência inglesa, maravilha”. É o preconceito levado às últimas conseqüências.

**Jornalista:** Agora, (inaudível) latino-americana sempre tinha um lado muito antiamericano, antiimperialista. Dá para ser esquerdista ou da esquerda, na América Latina sem ser contra o império?

**Presidente:** Acho que sempre vai ser contra o império, por duas razões: primeiro porque todos aqueles que são mais ricos, sempre terão os olhos dos outros voltados para eles. Isso vale para a Alemanha e a França na Europa, isso vale para os Estados Unidos aqui no continente, isso vale para o Japão na Ásia e daí por diante. As pessoas, em uma rua, não ficam mirando apenas a casa dos iguais, dos mais pobres, as pessoas ficam olhando as casas dos mais ricos da rua. Então, os Estados Unidos pagam o preço de ser a maior economia do mundo, o Brasil paga o preço de ser a maior economia da América do Sul, a Alemanha paga o preço de ser a maior economia da Europa,



o Japão paga o preço de ser o que é e daí por diante.

Ademais, os Estados Unidos têm uma outra coisa. Nunca houve uma política americana de desenvolvimento para a América Latina. Sempre foi uma política de tentativa de hegemonizar, não foi uma política de parceria, era uma política hegemônica. Tem países na América Central, em que o embaixador americano dá palpite na eleição.

**Jornalista:** Aqui na Bolívia (inaudível)...

**Presidente:** Dá palpite. Na Bolívia, o embaixador americano convocava reunião de ONGs, para falar mal do Evo Morales. Na Nicarágua, o embaixador americano fazia discurso contra o Daniel Ortega. Obviamente que quem age assim vai ter sempre muitos inimigos.

Eu disse ao presidente Bush que era importante que os Estados Unidos tivessem uma política mais desenvolvimentista para a América Central, sobretudo América Central e Caribe, que ajudasse aqueles países a se desenvolverem, que implantasse indústrias lá, que comprasse os produtos agrícolas, porque, quanto mais esses países produzirem e gerarem empregos, mais tranquilidade e mais harmonia vão ter, até porque a população espanhola ou latino-americana nos Estados Unidos só perde para o Brasil e para a Colômbia. O terceiro maior país de língua espanhola está dentro dos Estados Unidos. Então, os Estados Unidos precisam pensar em ter uma política como a Europa teve para os países mais pobres e tentar ajudar a desenvolver. Enquanto os Estados Unidos agirem com um certo autoritarismo para com o continente, vai ter o antiimperialismo dentro.

**Jornalista:** O Brasil fechou a aliança estratégica com a China não é? O senhor está contente com o resultado, porque parece que a China, principalmente, compra coisas e o Brasil também importa produtos baratos da China, mas a



idéia não era mais política, digamos?

**Presidente:** Acho que todos os países estão incomodados com a China. Reconheci a China como economia de mercado, porque a China precisava participar dos debates da OMC e não ficar de fora sem ter regras que comprometessem a China tanto quanto comprometem o Brasil. Então, o que eu quero é que todos estejam no mesmo barco.

O Brasil exporta muito para a China e o Brasil importa muito da China. Por enquanto, há um certo equilíbrio e acho que o ideal é que todo mundo busque esse equilíbrio para que não haja um desequilíbrio com os produtos chineses sendo vendidos mais baratos do que qualquer produto de qualquer país do mundo. Hoje eu acho que essa relação com a China deve causar mais problema aos Estados Unidos do que ao Brasil ou do que à Argentina. Agora, é sempre um motivo de preocupação e acho que temos que ir ajustando, porque para nós interessa também que a China continue crescendo. Ainda tem 700 milhões de pobres, ainda tem o dobro da Europa de pobre na China, então, precisamos torcer para que a China se desenvolva do jeito que está se desenvolvendo e possa fazer distribuição de renda e possa ter uma competição internacional mais justa e mais igualitária.

**Jornalista:** E como anda a aliança estratégica com a Alemanha? A minha impressão é que a Alemanha perdeu influência, tanto econômica como política aqui no Brasil nos últimos anos.

**Presidente:** Acho que se a gente for imaginar o que aconteceu com os investimentos da Alemanha, na década de 50 e 60, vamos perceber que hoje diminuiriam um pouco os investimentos alemães para o Brasil, certamente, por causa de todo um processo de reconstrução da Europa. Compreendo como normal que com a queda do muro de Berlim, os olhos da Europa desenvolvida



se voltaram para a Europa não desenvolvida, que está ali, que tem fronteira terrestre, fronteira seca, não tem 8 mil quilômetros de distância. Mas acho que agora, com as coisas mais ou menos normalizadas, a Alemanha precisa olhar para a América do Sul, não apenas para o Brasil, mas para a América do Sul, enquanto perspectiva também para os produtos alemães, porque na medida em que esses países da América do Sul crescerem, eles vão comprar muitas máquinas alemãs para poder modernizar as suas empresas e o Brasil já tem uma boa experiência com a Alemanha. A Alemanha já fez muitos investimentos aqui, afinal de contas, não é pouca coisa ter a Mercedes Benz, ter a Volkswagen, ter a Bosch aqui no Brasil. É importante para nós, mas é importante que a Alemanha olhe não para o Brasil de hoje, mas para o potencial do Mercosul, do Brasil e da América do Sul, nos próximos 10 ou 15 anos.

A Alemanha tem boa relação com a Argentina e tem boa relação com o Brasil. No Brasil, nós temos cidades que parecem mais alemãs do que cidades brasileiras. Várias delas, é só ir a Joinville, é só ir a Blumenau, para ver. Eu queria levar a Angela Merkel em Blumenau, para ela ver que os alemães estão aqui desde 1850. São mais de 150 anos que os alemães estão aqui, construíram cidades. Então, penso que a Alemanha precisa pensar um pouco mais em investimento na expansão de seu potencial industrial, precisa pensar um pouco mais no Brasil e na América do Sul.

**Jornalista:** Pode ter um papel também na sua política do PAC? Pode-se pensar em um investimento estrangeiro também nesse programa, inclusive para infra-estrutura?

**Presidente:** Pode. Vou lhe contar uma coisa. Vamos construir dentro do PAC, três hidrelétricas. Ao todo, são três mais onze, são 17 mil megawat de energia que vamos construir. Vamos fazer o trem-bala, ligando o Rio de Janeiro a



Campinas.

**Jornalista:** Isso já está decidido?

**Presidente:** O projeto está ficando pronto e espero que em outubro a gente faça a licitação. Temos muitas ferrovias para serem construídas.

**Jornalista:** Ainda há mais três para serem construídas?

**Presidente:** Queremos voltar a fazer Angra III e Angra IV. Vamos voltar a fazer energia nuclear no Brasil. Então, acho que é um forte e extraordinário espaço para a Alemanha participar. Os espanhóis têm participado com muita força e os alemães...

**Jornalista:** Os holandeses...

**Presidente:** Os holandeses têm investido bastante. Então, a Alemanha precisa descobrir que o Brasil tem uma relação muito forte com a Alemanha e que, portanto, os investimentos aqui deveriam ser uma coisa natural. Tentei trazer o Schröder aqui durante muito tempo, ele terminou saindo do governo e não veio. Agora, queria trazer a Angela Merkel, para que ela pudesse conhecer não apenas a relação institucional, mas para que ela pudesse ver um pouco o Brasil, que fosse à Amazônia, que fosse a Blumenau, a Joinville, que fosse ao Pantanal, fazer uma assembléia na Volkswagen, com os trabalhadores da empresa. Parece que ela não pode, parece que o cerimonial alemão é tão duro quanto o meu, não permite que um presidente faça tudo e nem a primeira-ministra.

**Jornalista:** O senhor conseguiu diminuir bastante o abismo entre pobres e





ricos aqui no Brasil. Tem muitos pobres que conseguiram subir na classe média, média-baixa, mas ainda falta muito. Qual a política para uma melhor distribuição de renda aqui?

**Presidente:** Ontem eu disse no lançamento do PAC em Guarulhos, que não é possível fazer tudo em 8 anos. Alguns jornalistas já interpretaram como se eu estivesse falando que 8 anos é pouco e que quero mais um mandato. A verdade é que não existe nenhuma experiência histórica de que em 8 anos você desmontou a degradação montada em um século, é um processo. Encontramos o caminho pelo qual é possível a gente acabar com a pobreza para o Brasil e para o mundo, encontramos o caminho. Fica barato cuidar do pobre. Então, isso vai melhorando na medida em que a economia vai crescendo. A economia vai crescendo, você vai investindo mais em educação, você vai investindo mais em inclusão digital, você vai criando mais oportunidades e mais oportunidades. Você leva 15 ou 20 anos para criar uma geração mais sadia, melhor formada. Vou lhe dar um exemplo de algumas coisas que estamos fazendo.

Nós criamos um programa aqui no Brasil, chamado ProJovem. Detectamos que tem 3,5 milhões de jovens no Brasil, entre 15 e 29 anos, que desistiram da escola, pararam de estudar e não trabalham. Então, o que estamos fazendo? Estamos fazendo convênios com as prefeituras, estamos pagando uma ajuda para esses meninos voltarem a estudar e aprenderem uma profissão. Até 2010, queremos atender 3,5 milhões de jovens, com um investimento de 5 bilhões e 400 milhões de reais. Isso, para os jovens que deixaram de estudar.

Vocês sabem que criamos aqui um programa chamado ProUni. Fizemos um acordo com as universidades particulares, fizemos uma redução dos impostos. O equivalente aos impostos, pegamos em bolsas de estudos. Já colocamos 400 mil jovens pobres, da periferia, dos quais 40% negros, para



fazer universidade e este ano se formarão os primeiros 60 mil jovens. Agora criamos um outro programa chamado Reuni, aumentamos de 12 para 18 alunos por professor e vamos colocar, até 2011, mais 400 mil jovens na universidade.

**Jornalista:** Universidades públicas nesse caso?

**Presidente:** Tudo pública federal. Estamos fazendo dez universidades federais novas e estamos fazendo 214 escolas técnicas profissionais. Parece pouco, mas vou dar um dado. De 1909 a 2003, em quase 100 anos foram feitas 140 escolas. Nós, em 8 anos, vamos fazer 214. Tudo isso vai permitindo que a gente... Agora aprovamos um programa para levar Internet banda larga para 55 mil escolas públicas urbanas. Isso é uma pequena revolução no Brasil. Os efeitos disso vão acontecer daqui a 2, 3, 4 anos. Por isso que acho que vamos em uma seqüência, diminuindo o número de miseráveis no Brasil e aumentando a classe média brasileira.

A refinaria de Pernambuco, a produção de biodiesel no Nordeste, a siderúrgica do Ceará e a Transnordestina são investimentos no Nordeste, que vão dar uma outra cara para o Nordeste, além do turismo que nós queremos incentivar no Nordeste brasileiro, para que mais alemães venham conhecer o Brasil. Estamos duplicando a BR-101, que pega todo o litoral nordestino, portanto, alguém vai poder descer do avião em Recife e andar todo o Nordeste de carro, em uma estrada de alta velocidade, feita de concreto, melhor do que as alemãs. Os carros não são tão bons, mas de qualquer forma...

**Jornalista:** Acho que no Sudeste é que falta muito ainda não é? Tanto as estradas quanto o problema da violência. Esse não é um assunto primeiramente do governo federal, mas o governo federal não poderia fazer mais para combater a (inaudível) violência nas favelas do Rio de Janeiro?



**Presidente:** Pode. Veja, vamos combater a violência. Não tem remédio para combater a violência com polícia. Vamos combater a violência do Rio de Janeiro e em São Paulo, quando o Estado se fizer presente nos lugares do pobre. Por isso é que fizemos o investimento que estamos fazendo no Complexo do Alemão, nas três principais favelas do Rio de Janeiro, nas três em São Paulo. Vamos fazer muito investimento em palafitas, em favelas, porque na hora em que o Estado chegar lá, com melhoramento das casas, água, esgoto, energia, escola, hospital, biblioteca, áreas de empreendedorismo, com cultura, com lazer, as pessoas vão perceber que o Estado está presente e a cada vez que o Estado chega, o narcotráfico recua, o crime organizado recua. Se o Estado não está presente, o narcotráfico toma conta.

**Jornalista:** Está sendo um problema de consumo também não é, o consumo de drogas é muito alto aqui no Brasil.

**Presidente:** É menos do que em outros países desenvolvidos. Mas acho que a pobreza, muitas vezes, leva as pessoas a consumirem drogas, por desespero, por falta de opção. Um jovem de 17 anos, trancado dentro de casa, morando em um barraco, olhando lá de cima o povo em Copacabana, desfilando de carro para cima e para baixo, essa pessoa fica deprimida e a depressão leva à droga. Precisamos, então, colocar as oportunidades. O que falta, na verdade, é a presença do Estado e passar para as pessoas a idéia de uma oportunidade futura. Com o crescimento econômico, tudo isso é possível.

**Jornalista:** O Presidente está com a popularidade bastante alta. O PT tem forças que gostariam de mudar a Constituição para permitir um terceiro mandato para o senhor. O senhor quer ou não?



**Presidente:** Não. Não quero porque é cansativo, não quero porque é ruim para a democracia. Isso vale para mim e vale para outro qualquer.

**Jornalista:** O senhor já tem um candidato para...

**Presidente:** Acho que dois mandatos são suficientes para alguém governar um país. Porque daqui a pouco você quer o terceiro, daqui a pouco aparece alguém dizendo que quer um quarto, daqui a pouco ele quer o quinto, e daqui a pouco está nascendo uma pequena ditadurazinha em nome da democracia. Acho que a alternância do poder é saudável para o País, trabalho sempre com a perspectiva de que o povo, a cada eleição, eleja uma pessoa melhor. Pode errar, mas normalmente tem chance de eleger uma melhor e o Brasil tem uma democracia consolidada. A única coisa que digo é o seguinte: o governo vai ter candidato.

**Jornalista:** E o senhor não vai poder participar da final entre Alemanha e Brasil na Copa de 2014, como Presidente?

**Presidente:** Não vou, mas vou como torcedor. Vai ser mais fácil para mim. Como torcedor, vou ficar feliz da vida.

**Jornalista:** Por último, o senhor é muito amigo do Fidel Castro. Em fevereiro visitou o Castro e agora, a ilha abre-se, mais ou menos, para liberar a iniciação econômica. Presidente, o Brasil vai ajudar Cuba a abrir-se também democraticamente?

**Presidente:** Primeiro, respeito os passos que os cubanos quiserem dar. Não apenas sou amigo de Fidel Castro, como tenho profundo respeito por ele. Acho



que o afastamento dele aconteceu em um momento importante, em que ele está lúcido, o Raúl está assumindo com muita desenvoltura e eles sabem que precisam dar passos.

Na verdade, ficarei esperando cada passo que ele der, onde o Brasil pode ajudar, o que o Brasil pode fazer para ajudar. Agora mesmo a Embrapa brasileira, a nossa Empresa (Brasileira) de Pesquisa Agropecuária, vai plantar 20 mil hectares de soja em Cuba. É a primeira vez que vai plantar soja em Cuba e nós temos disposição de ajudar.

Estamos estudando o projeto de fazer uma carreteira em Cuba, uma grande rodovia, estamos ajudando na construção de um laboratório de produção de remédio e o Brasil quer que Cuba decida o seu destino da melhor forma possível. O Brasil espera que os cubanos de Miami não tentem fazer nenhuma bobagem, o povo cubano é o povo mais politizado do planeta. É importante ter clareza que ali é 100% política e que, portanto, ali tem um alto grau de escolaridade, compete com qualquer país do mundo e que é preciso, aos poucos, ir criando as condições para que Cuba dê um salto de qualidade extraordinário no desenvolvimento. Acho que as coisas vão acontecer com muita tranqüilidade.

**Jornalista:** O senhor poderia mediar no caso da Ingrid Betancourt?

**Presidente:** Deixe-me falar uma coisa. Esse é um caso crônico, porque não consigo compreender o papel das Farc. As Farc poderiam se legalizar, disputar as eleições e saber se o povo as quer ou não. O Chávez pensou que poderia negociar, não deu certo. Agora a Cruz Vermelha pensou que poderia, o Sarkozy. Eles não querem interlocutores, não gostam de mim, não gostam do Fidel, não gostam de... Então, é muito difícil. Obviamente que tanto se a Colômbia pedisse e eles pedissem para o Brasil intermediar, o Brasil se colocaria à disposição para ajudar naquilo que fosse necessário, mas não



daremos um passo na Colômbia sem que haja interesse da Colômbia.

**Jornalista:** Muito obrigada pela entrevista e paciência conosco.

**Presidente:** Obrigado, querida.

(\$31DHJMP)